

EUA SAÚDAM FORÇAS DE PAZ DA CHINA NA ÁFRICA, MAS DESCONFIAM DAS INCURSÕES DE PEQUIM

*Tradução e adaptação de Albert Caballé Marimón**



Militares chineses participam da cerimônia de abertura da base militar da China no Djibuti (Foto: AFP).

O Comitê de Serviços Armados do Senado dos EUA foi informado que o recém-concluído cais da China no Djibuti acomodaria um porta-aviões; analistas alertam que as operações de manutenção da paz da China na África são percebidas como possível desculpa para construção de bases militares no continente.

Com uma população de menos de um milhão de pessoas, o Djibuti, no Chifre da África, é um dos menores países do continente. Mas o que falta em tamanho é compensado por sua localização estratégica, com vista para o Estreito de Bab el-Mandeb, um ponto de estrangulamento entre o Mar Vermelho e o Golfo de Aden.

É esse local que o tornou um centro para militares estrangeiros. Antes de 2017, Estados Unidos, França, Japão e Itália estabeleceram bases para suas forças armadas no país. Em seguida, a China chegou, estabelecendo o que descreveu como uma instalação logística para reabastecimento de navios chineses em missões de paz e humanitárias. Essa instalação abriga entre 1.000 e 2.000 militares da marinha chinesa, de acordo com vários relatórios.

A cerca de 12 km de distância, a base militar americana Camp Lemonnier abriga 3.400 pessoas. Analistas dizem que, embora os EUA sempre tenham dado boas-vindas ao apoio da China às operações de manutenção da paz da ONU e aos esforços antipirataria na África, estão preocupados com os planos da China de

expandir seus direitos de estabelecer bases, usando-os para estender seu alcance militar e aumentar as vendas de armas aos países africanos.

Luke Patey, pesquisador sênior do Instituto Dinamarquês de Estudos Internacionais, disse que seja na África ou no Ártico, os Estados Unidos não querem ver um adversário perturbar sua presença militar global dominante.

“A participação chinesa em missões de paz pode não virar muitas cabeças no Pentágono, mas a base chinesa em Djibuti tem capacidades militares que vão muito além das necessidades logísticas de qualquer missão humanitária ou de paz”, disse Patey.

O general Stephen Townsend, líder do Comando dos EUA na África, disse ao Comitê de Serviços Armados do Senado dos EUA em 20 de abril que a China “continua a expandir sua base em Djibuti como uma plataforma para projetar poder em todo o continente e suas águas – completando um grande cais naval este ano”. Ele disse que o cais recém-concluído na base naval chinesa em Djibuti era grande o suficiente para apoiar um porta-aviões.

Townsend disse que Pequim procurou abrir mais bases, vinculando seus investimentos em portos marítimos comerciais no leste, oeste e sul da África ao envolvimento das forças militares chinesas para promover seus interesses geoestratégicos.

Refletindo essas preocupações, o senador norte-americano Robert Menendez patrocinou um projeto de lei que propõe negar ajuda a governos que permitem que o Exército de Libertação Popular da China hospede uma instalação militar.

A China não respondeu às últimas alegações de Washington. Mas no ano passado, quando o Departamento de Defesa dos EUA alegou em seu relatório anual ao Congresso que Pequim estava planejando estabelecer mais bases militares na África, o Ministério das Relações Exteriores da China negou os relatórios e exortou os EUA a “abandonar a mentalidade desatualizada da Guerra Fria e do ‘jogo de soma zero’, e parar de emitir relatórios irresponsáveis ano após ano”.

Jeffrey Becker, diretor do Programa de Assuntos de Segurança Indo-Pacífico do Centro de Análises Navais, disse que, para a China, o estabelecimento de uma segunda base africana era certamente uma possibilidade, já que os interesses chineses na África e nas regiões vizinhas continuaram a crescer.

“Lugares como Quênia e Tanzânia na costa leste da África, ou Namíbia ao longo do Atlântico, foram mencionados como possíveis locais”, disse Becker.

“Uma segunda base na África melhoraria a capacidade da China de realizar uma série de operações, incluindo a evacuação de cidadãos chineses em tempos de crise e a proteção do acesso da China aos principais pontos de estrangulamento marítimo da região, que são essenciais para o comércio e as importações de energia da China.”

Mesmo se a China abrisse bases nesses países, Patey disse que “esses planos ainda podem empalidecer em comparação com as centenas de bases operadas pelos Estados Unidos, mas se promulgados, ainda estenderiam o alcance militar chinês para longe de seu continente e perto dessas águas”.

Mas a preocupação dos EUA com a presença militar da China na África não foi especialmente baseada em razões de segurança nacional, de acordo com Samuel Ramani, professor de política e relações internacionais da Universidade de Oxford, na Grã-Bretanha.

Ramani disse que a China e os EUA apoiam amplamente uma ordem continental estável e não vêem insurgências ou terrorismo como vantagem. Mas os comentários de Townsend refletiram a rivalidade geopolítica dos EUA com a China e as preocupações sobre perder influência para a China, disse ele.

“Trata-se de perder o acesso aos recursos de petróleo e mineração, maior erosão da influência dos EUA na AGNU (Assembleia Geral das Nações Unidas) e a China ganhar mais influência, talvez em conjunto com a Rússia, na segurança do Oceano Índico”, afirmou Ramani.

Ele disse que Pequim tem sido cautelosa sobre seus próximos movimentos em relação às bases navais na África. “Há rumores de que São Tomé e Príncipe seria uma base naval em 2018 e existem rumores persistentes de que a Namíbia é o local de uma base do exército. No geral, porém, vejo a China agindo com cautela e não estabelecendo uma base no futuro próximo”, acrescentou Ramani.

David Shinn, ex-diplomata dos EUA e professor da *Elliott School of International Affairs* da *George Washington University*, disse que os EUA sempre estiveram preocupados com a expansão global da Marinha do PLA, incluindo sua base em Djibuti.

“Em curto e médio prazo, espero que a China busque instalações portuárias de uso duplo em águas africanas, ao invés de novas bases militares”, disse Shinn. “Essa é uma das razões pelas quais a China está buscando tantos investimentos de capital em portos africanos.”

John Calabrese, diretor do Projeto Oriente Médio-Ásia, disse que os Estados Unidos têm encorajado a participação da China na manutenção da paz como uma forma de mostrar que é de fato uma “parte interessada responsável”. Mas ele disse que as preocupações potenciais incluem a proliferação de armas e a possível aquisição de direitos de bases.

Calabrese disse que a necessidade repentina da China de evacuar milhares de trabalhadores expatriados da Líbia durante a primavera árabe fez com que a China desenvolvesse a capacidade de proteger seus extensos interesses e ativos no exterior.

Além disso, Calabrese disse que a implementação da Iniciativa Belt & Road ampliou e aprofundou as atividades comerciais chinesas na zona ao redor do domínio do Golfo de Aden e do Chifre da África, justificando a necessidade de uma

presença militar dentro e ao redor de hidrovias críticas e pontos de estrangulamento na extremidade ocidental da Rota da Seda Marítima.

Além de dar os primeiros passos como marinha de águas azuis, a China é um jogador-chave nas missões de paz da ONU na África, os conhecidos capacetes azuis. O número de soldados de paz chineses na África atingiu o pico de 2.620 em 2015 e depois diminuiu para cerca de 2.100.

Richard Gowan, diretor da ONU do Grupo de Crise Internacional, disse que “há uma preocupação de longo prazo de que Pequim possa usar seus desdobramentos de manutenção da paz como desculpa para construir bases militares na África, ostensivamente para apoiar os capacetes azuis”.

No entanto, ele disse que os temores ocidentais sobre as ambições de manutenção da paz da China foram exagerados e que “a China adotou uma abordagem bastante cautelosa para as implantações da ONU desde 2017, quando sofreu mortes no Mali e no Sudão do Sul.

“O maior desdobramento da ONU na China é no Sudão do Sul, onde há um batalhão de infantaria. Isso está, é claro, em parte ligado aos interesses energéticos da China lá”, disse Gowan.

Do South China Morning Post.

***Albert Caballé Marimón** possui formação superior em marketing. Depois de atuar trinta e sete anos em empresas nacionais e multinacionais, dedica-se à atividade de pesquisador nas áreas de História Militar, Defesa e Geopolítica. É fotógrafo e editor do site *Velho General*. Já atuou na cobertura de eventos como a Feira LAAD, o Exercício CRUZEX, a Operação Acolhida, o Exercício Treme Terra e proferiu palestras na AFA – Academia da Força Aérea. É colaborador do USNI – US Naval Institute e do Canal Arte da Guerra.
